

O RECANTO DO CANTO INFANTIL EM POEMAS DE *OU ISTO OU AQUILLO*

Paula PERIN¹

Universidade Regional do Cariri - URCA
paula.perin@hotmail.com

Sandra Farias MAIA-VASCONCELOS²

Universidade Federal do Ceará - UFC
sandramaiafv@gmail.com

Resumo: Este trabalho é um estudo de parte da coletânea de poemas que compõem a obra infantil *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles. Tem por objetivo discutir os principais temas explorados pela poetisa, bem como realizar uma análise estilística dos poemas *Ou isto ou aquilo*, *A bailarina* e *Colar de Carolina*. Para tanto, utilizamos como referencial teórico os pressupostos da estilística fônica, fundamentadas em Câmara Jr. (1997), Monteiro (1991), Bosi (2000) e Martins (2008). Os poemas tratam dos sonhos, fantasias, desejos e aventuras que povoam o universo infantil. As palavras, escolhidas meticulosamente, evocam associações sensoriais e, aos poucos, vão surgindo diante do leitor imagens construídas a partir de rimas, aliterações, assonâncias, pequenos trocadilhos, tudo isso bem marcado com intensa musicalidade, combinando versos livres, regulares e métricas diferentes.

Palavras-chave: Estilística Fônica. Poesia. Infância. Cecília Meireles.

CHILDREN'S SONG PLACES IN "OU ISTO OU AQUILLO" POEMS

Abstract: This article is a study about part of the book *Ou isto ou aquilo* by Cecília Meireles. It aims to discuss the main themes explored by the poetess, as well as to do a stylistic analysis of the poems *Ou isto ou aquilo*, *A bailarina* and *Colar de Carolina*. For that, we use as theoretical reference the Phonic Stylistic, based on Monteiro (1991), Câmara Jr. (1997), Bosi (2000) and Martins (2008). The poems are about dreams, fantasies, desires and adventures, which live in children's world. The words, meticulously chosen, evoke sensorial associations, and gradually, before the reader, images are born out of rhymes, alliterations, assonances, small puns, all marked with intense musicality, combining free, regular and metrical verses in different ways.

Keywords: Phonic stylistic. Poetry. Childhood. Cecília Meireles.

1 Introdução

¹ Professora de Linguística e Língua Portuguesa do Curso de Letras da Urca – Campus Missão Velha e da rede pública municipal de Juazeiro do Norte. Doutoranda em Linguística e membro do Grupo de Estudos em Linguística e Discurso Autobiográfico - GELDA/UFC/ CNPq.

² Professora do Departamento de Letras Vernáculas e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, colaboradora da Universidade Estadual do Ceará e membro do Conselho de avaliadores do Inep. Atua nas áreas de Análise do Discurso Narrativo das Histórias de Vida, Interações, autobiografias, leitura e escrita e educação hospitalar. Líder do Grupo de Estudos Linguísticos e Discurso Autobiográfico (Gelda), certificado no CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar: Formação, Autobiografia, Representações Sociais da UFRN.

Este artigo é parte de uma monografia de graduação em Letras, cujo objetivo foi analisar algumas poesias infantis da coletânea *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles, sob a ótica da Estilística. Constituiu-se um trabalho pioneiro na época, visto que não havia disponíveis, nas mídias acadêmicas, estudos relacionados à temática aplicados a essa obra singular.

Os versos musicalizados de Cecília povoaram o imaginário infantil, principalmente pela difusão de sua obra dedicada à infância nos livros didáticos. Conhecida nacional e mundialmente, Cecília Meireles se destacou no meio intelectual de sua época como uma das principais (senão a principal) voz feminina da poesia brasileira. Ela e Vinícius de Moraes consolidaram o paradigma estético na poesia infantil brasileira, sendo este já esboçado anteriormente por Henriqueta Lisboa, em *O Menino Poeta* e introduzido por Sidônio Muralha, em seu livro *A televisão da bicharada*.

Cecília traz para a poesia infantil a musicalidade que lhe é característica, explorando versos regulares, a combinação de métricas diferentes, o verso livre, a assonância, a aliteração e a rima. Seus poemas infantis não se restringem à leitura infantil, mas permitem diferentes níveis de leitura, como mostraremos mais adiante no poema *Colar de Carolina*. Em *Ou isto ou aquilo*, veremos que há um leitor-criança com quem o texto dialoga e se identifica; mas há também um leitor-adulto que vê o reflexo de sua infância na poesia e imprime-lhe significados próprios da vida adulta.

Desse modo, optamos por traçar uma análise estilística dos poemas *Ou isto ou aquilo*, *A bailarina* e *Colar de Carolina*. Optamos por esses poemas por perceber que eles condensam, de certo modo, os recursos estilísticos presentes na coletânea.

Para fundamentar nosso estudo, valemo-nos das contribuições de Câmara Jr. (1997), Monteiro (1991), Bosi (2000) e Martins (2008). Seguiremos uma perspectiva fônica de análise dos recursos estilísticos.

Dividimos nosso estudo em três etapas. Na primeira, traçaremos um breve panorama dos temas que povoam o universo de *Ou isto ou aquilo*. Em seguida, apresentaremos os pressupostos teóricos que orientam a Estilística Fônica. Por fim, analisaremos os três poemas já indicados sob a perspectiva teórica adotada para esse trabalho.

2 Os recantos de *Ou isto ou aquilo*

Escrever para crianças não é uma tarefa fácil. Pelo contrário, é uma tarefa bastante difícil, sutil e delicada, pois requer do escritor ciência e arte. Ciência, porque é preciso ter o conhecimento do universo infantil, no sentido de saber como ele funciona, quais são suas características, as condições íntimas dessas pequenas vidas, enfim: suas possibilidades. Arte, pois o meio de se atingir a alma da criança é a educação estética. Através dela, a criança se deixa influenciar pelo suave jugo, que é bem melhor do que as obrigações rígidas que desde cedo lhe são impostas pela sociedade. Desse modo, se alguém não tiver a capacidade de transformar uma pequena e delicada coisa numa obra de arte, não haverá, segundo Cecília, “um livro adequado ao leitor que se destina”. (MEIRELES, 1979, p. 01).

A produção poética de Cecília para crianças reflete seus ideais do que seria uma obra de qualidade estética para esse público em particular, até então não levado muito em consideração pelo mercado editorial do país. A literatura destinada à infância compreendia contos de fada e contos de tradição oral, por vezes transmitidos por algum adulto. Assim, não havia uma literatura para crianças propriamente dita.

Em *Ou isto ou aquilo*, Cecília faz uma viagem muito especial empreendida por esse território da infância. Nessa obra, é possível ver uma bagagem que sintetiza sua memória infantil, sua identidade de musicista, professora e poetisa, seu amor pelos livros, sua convicção do papel da leitura, da educação e seu projeto de futuro. (NEVES, 2017). Desse modo, Cecília se dispõe a travar uma acirrada batalha na busca de preparar os pequeninos que serão os adultos do futuro. Traz consigo, também, a contemplação serena do tempo que flui e a exímia maestrina do ritmo das palavras.

Cecília escreve brincando e ensinando a brincar com as palavras. Essa obra em particular, a última publicada em vida pela poetisa, nasce da extrema sensibilidade da autora. Seus poemas falam dos sonhos e fantasias que povoam o mundo infantil.

Adentrar no universo de *Ou isto ou aquilo* é empreender uma viagem através de uma “geografia” da intimidade onde cabem os sonhos, a fantasia e a imaginação. Tudo isso construído com palavras que evocam imagens que encontram um recanto particular em nosso ser íntimo; imagens construídas com palavras combinadas em rimas, aliterações e assonâncias: palavras que formam pequenos trocadilhos.

Cada poema, com a intensa música de seus versos, é uma espécie de cofre onde cabem os sonhos, o desejo de aventura e concentração, como é possível perceber nesses versos de *O último andar*:

De lá se avista o mundo inteiro
Tudo parece perto, no ar
É lá que eu quero morar:

No último andar.
(MEIRELES, 1985, p. 732)

A visão da natureza física em alguns poemas deste cancionário não é só pormenorizada. É também panorâmica. Além da meticulosidade na invenção das coisas, ela retrata um cenário de árvores, flores, corpos celestes, rios, bichos, com o lirismo que lhe é peculiar:

LEILÃO NO JARDIM

Quem me compra
um jardim com flores?

borboletas de muitas
cores,
lavadeiras e passarinhos,

olhos verdes e azuis nos ninhos?[...]
(MEIRELES, 1985, p. 726)

CAVALINHO BRANCO

O cavalo sacode a crina
loura e comprida
e nas verdes ervas atira
sua branca vida.
(MEIRELES, 1985, p. 724)

O elemento cromático e a construção de imagens se constituem como grande destaque nessa obra de Cecília. É um mundo de cores, carregado de afeto, pureza, amizade, cantos de passarinhos, murmúrio de riachos. É a imagem do universo infantil retratado com palavras carregadas de sentido. Para o leitor-criança, é o retrato de como funciona o universo infantil, cheio de aventuras, sonhos, música e som. Para o leitor adulto, é como um *flashback*, em que se é possível revivenciar e reolhar o mundo da criança sem o olhar enrustido e embrutecido pelas responsabilidades que a sociedade adulta nos impõe.

É uma característica inerente ao poeta e à criança, a capacidade de se encantar com as coisas. À medida que a criança cresce e vai assumindo o aprendizado que a sociedade moderna exige, a criança vai perdendo essa capacidade. Cecília reconhece isso, daí compreender tão bem como alcançar a alma da criança.

Em *Sonhos de menina*, a partir da ressonância decorrente dos fonemas nasais /n/, /ɲ/, a poetisa evoca as fantasias e devaneios próprios do sonho:

[...]
 Sonho risonho:
 O vento sozinho
 no seu carrinho.

De que tamanho
 seria o rebanho?

A vizinha
 apanha a sombrinha
 de teia de aranha...

[...]
 (MEIRELES, 1985, p. 730)

Cecília, como educadora que foi, poderia até ter pensado numa poesia que também tivesse cunho pedagógico, no que se refere ao conhecimento dos fonemas da língua portuguesa e sua representação gráfica. Entretanto, sabemos que o valor estético e o lirismo de seus versos superam essa questão. Com isso, não há o que se questionar o valor poético de *Ou isto ou aquilo*.

O eu-lírico predominante nos poemas é o da criança, que deixa transparecer sua insatisfação com os limites, como neste fragmento do poema título *Ou isto ou aquilo*:

É uma grande pena que não se possa
 estar ao mesmo tempo nos dois lugares!
 (MEIRELES, 1985, p. 72)

Faz parte também do universo da criança os momentos de birra e desatenção:
 MODA DA MENINA MUDA

É a moda
 da menina muda
 da menina trombuda
 que muda de modos
 e dá medo
 [...]
 (MEIRELES, 1985, p. 724)
 TANTA TINTA

Ah! Menina tonta,
toda suja de tinta
mal o seu desponta!
(sentou-se na ponte,
muito desatenta ...
e agora se espanta:
quem é que a ponte pinta
com tanta tinta?...) (MEIRELES, 1985, p. 725)

Como na essência da obra de arte não faltam sentimentos, a todo o momento podemos notar influências afetivas em sua expressão. Por estar sujeita a influências emotivas, a carga de afetividade no poema sofre variações, dependendo do sentimento que incide sobre ela. Os diversos matizes da afetividade podem ser pesquisados “pelo rastreamento dos sentimentos manifestos, da expressividade dos diminutivos e da intenção do autor nas cargas valorativas ou depreciativas”. (PIRES, 1981, p. 104)

Em *Ou isto ou aquilo*, as formas afetivas se realizam, em sua grande parte, pelo uso de diminutivos, expressando carinho, afeto, compaixão, conforme vemos nas expressões a seguir:

Quadro 01 – Formas afetivas em *Ou isto ou aquilo*

O CAVALINHO BRANCO	OS CARNEIRINHOS
<p>À tarde, o cavalinho branco está muito cansado:</p> <p>mas há um pedacinho do campo onde é sempre feriado [...]</p>	<p>Todos querem ser pastores E ter coroas de flores E um cajadinho na mão E tocar uma flautinha E soprar numa palhinha Qualquer canção [...]</p>

Fonte: Adaptado de Meireles (1985, p. 724-728, grifos nossos).

Em *As meninas*, o valor da amizade está acima de “outras virtudes”, como a beleza e a sabedoria:

Arabela
foi sempre a mais bela
Carolina,
a mais sábia menina
E Maria apenas dizia:
“Bom dia”
[...]
Mas a nossa profunda amizade
É Maria, Maria, Maria,
Que dizia com voz de amizade:
“Bom dia!”
(MEIRELES, 1985, p. 732)

Até aqui, vimos que, em cada recanto construído por Cecília há uma canção, executada com palavras que combinam esmero e arte, transmitindo ao leitor valores que refletem a organização de nossa sociedade, o cultivo da imaginação, fantasias, tudo envolto numa atmosfera de musicalidade que lhe é característica. No próximo tópico, apresentamos

os pressupostos teóricos que orientam a Estilística Fônica e posteriormente, a análise dos poemas *Ou isto ou aquilo*, *A bailarina* e *Colar de Carolina* seguindo essa perspectiva teórica.

3 Mas do que trata a Estilística?

A Estilística é a disciplina linguística que se propõe a estudar os recursos afetivos e expressivos de uma língua. É um saber que vem da tradicional retórica dos gregos, mas, enquanto ciência, é recente, pois foi fundada no início do século XX por Charles Bally e Karl Vossler. Ambas têm em comum o estudo da expressividade, porém, com objetivos diferentes: a retórica, de caráter pragmático-prescritivo; e a estilística de caráter mais descritivo-interpretativo, sem considerações normativas, que são atribuições da gramática. (CARVALHO, 2004).

Tomamos como conceito norteador desse estudo as considerações de Spitzer (*apud* PIRES, 1981, p. 190), para quem “a estilística deve ter como objeto a organização verbal da obra literária, o modo como o escritor utiliza a língua para realizar uma obra de arte”. Isso nos remete à expressividade, que se apresenta, quase sempre, a partir das iterações fônicas que o poema apresenta. Monteiro (1991, p. 17) afirma que “a característica fundamental da expressividade reside na ênfase, na força de persuadir ou transmitir os conteúdos desejados, na capacidade apelativa, no poder de gerar elementos evocatórios ou conotações”.

Há quem considere os estudos estilísticos mais como um procedimento metodológico que uma ciência propriamente dita. Nesse caso, a Estilística passaria a ser um subdomínio das ciências da linguagem, fundamentada em teorias linguísticas e literárias de diversas tendências, como a estruturalista, a gerativista, entre outras. Assim, enquanto método de análise, a estilística segue uma tripartição que, inclusive, coincide com as divisões clássicas da gramática: a estilística fônica, léxica e sintática. Neste estudo, ocupamo-nos da Estilística Fônica.

3.1 A Estilística Fônica em *Ou isto ou aquilo*

O objeto de estudo da Estilística Fônica é a sonoridade, “sobretudo os jogos entre sons oclusivos versus fricativos, surdos versus sonoros, entre outras oposições possíveis”. Se levarmos em conta a representação escrita, a estilística fônica também se ocupa dos fenômenos da “paronímia, homofonia, homografia, entoação frasal, o ritmo do verso ou da frase, e a musicalidade inerente à palavra”. (CAMARA JR., 1997, p. 110).

Martins traz algumas observações interessantes sobre as expressões sonoras, ao justificar a existência de uma estilística fônica:

Além de permitir oposição entre duas palavras - função distintiva - a matéria fônica desempenha uma função expressiva que se deve a particularidades da articulação dos fonemas, às suas qualidades de timbre, altura, duração, intensidade. Os sons da língua – como outros sons dos seres – podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir ideias, impressões. (MARTINS, 2008, p. 45).

Ora, quando estudamos teoria musical, a primeira noção que nos é apresentada é o conceito de som e suas propriedades (altura, duração, intensidade e timbre); e o conceito de música e os elementos que a compõem (melodia, harmonia e ritmo). A altura é a propriedade do som ser mais grave ou mais agudo; a duração é o tempo que o som se prolonga; intensidade é a força empregada na repercussão do som e timbre é o atributo especial de cada som, de modo que ele possui características que nos permitem distinguir quem ou o que emitiu determinado som. Desse modo, existem particularidades da obra de Cecília, tais como o emprego de determinado léxico, a estrutura de sua composição, certos temas abordados, que nos permitem reconhecer a voz cecilianiana. A forma como Cecília se expressa, a escolha dos vocábulos, o uso desses recursos sonoros pode nos sugerir ideias e evocar determinados sentimentos, a depender do grau de envolvimento e cumplicidade do leitor.

Cecília era exímia maestrina da arte de brincar com as palavras, já que ela também detinha o conhecimento da área musical. Produzir som e produzir música não é a mesma coisa. O som, grosso modo, é tudo o que se pode ouvir, mas a música é a arte de manifestar os nossos sentimentos através do som. Desse modo, diríamos que o som está para o poema (enquanto gênero textual) assim como a música está para a poesia.

Assim dito, destacamos como uma das particularidades das poesias infantis de *Ou isto ou aquilo* a intensa musicalidade de seus versos. Eis seu poema título:

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.
(MEIRELES, 2002, p. 11)

Nessa canção, composta por oito estrofes de dois versos, é possível notar o constante uso de antíteses, que marcam a insatisfação da criança com os limites que lhe são impostos e seu desejo de fazer duas coisas ao mesmo tempo. O ritmo, que na Teoria da Música é conceituado como "a combinação dos valores", na poesia se dá pela "vibração da matéria viva que forjam a corrente vocal" (BOSI, 2000, p. 103). O ritmo nasce na linguagem do corpo, na dança dos sons, nas modulações da fala.

Em toda a trama dos versos de *Ou isto ou aquilo*, o ritmo embala as frases para um ciclo de alternâncias em busca de uma unidade profunda, lembrando as idas e vindas da respiração em que o inspirar e o expirar são opostos, mas que se complementam para haver vida nos pulmões e no corpo todo. A entoação do ritmo também compreende essa dualidade: sílabas altas e baixas, sílabas agudas e graves. Todas formando a curva melódica que sobe e desce em função da contínua expressividade do discurso, seguindo um ritmo binário marcado por essa dualidade. (BOSI, 2000, p.103). Vejamos:

Ou se tem **CHU**va e não se tem **SOL**,
ou se tem **SOL** e não se tem **CHU**va!
(MEIRELES, 2002, p. 11, grifos nossos).

Nessa estrofe, cada verso tem duas sílabas tônicas, onde se localizam as células rítmicas dos versos. Podemos notar que essa ocorrência se repete nos versos que trazem as oposições “isto” ou “aquilo”, conforme mostraremos no quadro a seguir:

Quadro 02 – Jogo de oposições em *Ou isto ou aquilo*

ISTO	AQUILO
chuva	sol
Sol	chuva
Luva	anel
anel	luva
ares	chão
chão	ares
dinheiro	doce
doce	dinheiro
brinco	estudo
correndo	tranquilo

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Bosi (2000, p. 105) destaca que é a interpretação dada ao poema que nos diz “quais sílabas devam merecer maior sopro vocal, e quais sílabas devam rolar vibráteis e brandas pelo intervalo que separa os momentos fortes do período”. Concordamos em parte, visto que alguns poemas já possuem a acentuação da própria palavra, o que acaba nos influenciando a interpretá-la como uma possível célula rítmica. É o caso do poema *A Bailarina*. Impossível não interpretar como célula rítmica as palavras acentuadas e que rimam entre si.

Mostramos a seguir, na íntegra, o poema *A Bailarina*:

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
Mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda, com os bracinhos no ar
 e não fica tonta nem sai do lugar.
 Põe no cabelo uma estrela e um véu
 e diz que caiu do céu.
 Esta menina
 tão pequenina
 quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
 e também quer dormir como as outras crianças.
 (MEIRELES, 2002, p. 17)

Nos versos de *A bailarina*, o ritmo aparece alternado, dada a configuração variada com que são dispostos os versos nas estrofes: a maior parte aparece agrupada em dois versos; o estribilho, porém, apresenta três versos. Esse ritmo variado, ao nosso ver, sugere o próprio passo ainda desritmado da criança aprendiz em sua brincadeira de ser bailarina, até que o cansaço da brincadeira a faz procurar o repouso, tal como as crianças comuns.

ESta me**NI**na
TÃO pequ**NI**na
 Quer **SER** baila**RI**na

Não co**NHE**ce nem **DÓ** nem **RÉ**
 Mas **SA**be fi**CAR** na **PON**ta de **PÉ**.
 (MEIRELES, 2002, p. 17, grifos nossos).

Percebemos que a primeira e penúltima estrofe de *A bailarina* se desdobram em movimentos binários suaves, *graziosos* (mais lentos, com ternura). Nas outras estrofes, o ritmo tende a ser *vivace* (mais energético, rápido), traduzindo, através dos sons, os passos da dança da menina que não entende de Notação Musical, mas conhece e domina os movimentos do próprio corpo.

Desse modo, compreendemos que é o poder semântico do andamento que dá a mais completa vida nas dimensões do poema, que correriam o risco de ficarem encobertas sob as camadas da letra quando esta é apreendida apenas mentalmente.

O poema é composto de dois tercetos e seis dísticos, com rimas emparelhadas e consoantes, já que há coincidência de sons vocálicos na última vogal tônica. Da segunda à quarta estrofe, a poetisa recorre à anáfora, mantendo a estrutura do verso, mudando apenas as notas musicais e, por consequência, enumeram-se os passos de dança que a menina consegue realizar. Esse recurso confere à poesia a sua musicalidade, conforme podemos perceber na transcrição a seguir:

Não conhece nem dó, nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para lá e para cá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.
 (MEIRELES, 2012, p. 17, grifos nossos)

Sobre esse poema, acrescenta Kikuti (2009):

Pode-se dizer que a poesia “A Bailarina” assemelha-se a uma parlenda, poema que os folcloristas caracterizam pelo paralelismo construtivo, a presença de forte rima, o giro semântico “ilógico” e a incidência de preconceitos e temas da vida vulgar. Cecília Meireles, tendo uma concepção clara da importância do discurso estético em detrimento do discurso moralizante e utilitário fez uso dos melhores traços da parlenda, excluindo, é claro, a incidência de preconceitos em seu poema. (KIKUTI, 2009, p. 23).

A partir do jogo de aliterações decorrentes da repetição dos fonemas consonantais /k/, /l/, /n/ e da assonância presente nos vocábulos “colunas/colina”, a poetisa cria em *Colar de Carolina* uma musicalidade excepcional, uma espécie de trava-língua que desafia a capacidade expressiva do leitor, ao mesmo tempo que permite vivenciar o caráter lúdico da poesia.

COLAR DE CAROLINA

Com seu colar de coral,
Carolina
corre por entre as colunas
da colina.

O colar de Carolina
colore o colo de cal,
torna corada a menina.

E o sol, vendo aquela cor
do colar de Carolina,
põe coroas de coral

nas colunas da colina.

Fonte: Disponível em: <<https://sermaira.files.wordpress.com/2011/10/colar-de-carolina2.jpg>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

É a partir das letras existentes no nome “Carolina” que Cecília cria as outras palavras que compõem o poema, tais como: colar, coral, Carol (acontece apenas a troca de fonemas); colo, cal, cor; há, inclusive, coincidência tanto no número de sílabas quanto na posição da sílaba tônica, em “colunas, colinas, coroas, colore, corada, aquela, menina”, ou seja, são palavras trissílabas e paroxítonas.

“Carolina” é a personagem central desse poema composto de 4 estrofes e 11 versos. Em 6 deles encontramos as rimas “Carolina/colina”, “Carolina/menina” e “Carolina/menina” novamente. Os versos contam o ato de brincar da menina que, usando um colar feito de coral, está a correr pelas colunas da colina. Até aí, nada de inusitado acontece. A estrofe retrata uma fotografia de uma cena comum: uma menina corre pelas colinas usando um colar de coral.

Diniz (2013) faz uma leitura interessante sobre o que parecem ser as colunas da colina nesse poema:

As inusitadas colunas entre as quais Carolina corre nos fazem pensar em um templo, ou nas ruínas de um templo. No tempo do poema, esse templo continua cumprindo seu destino: o de ser local de adoração. Ao coroar as colunas, o rei sol legitima o templo imaginário que, a nosso ver, é o templo de adoração à menina, ou à infância personificada em Carolina. A poeta, sem o dizer claramente, coroa (ou endeusa) a Infância na construção do poema. E, sem falar em "paz", ela projeta um poema sereno quando dá a entender que, no tempo do poema, tudo cumpre o seu destino. (DINIZ, 2013, p. 128).

Na segunda estrofe, a poetisa enfoca a menina. Carolina tem a pele tão clara que lembra a cal. O colar, nessa estrofe, é mágico. Ele tem o poder de destacar a brancura da pele de Carolina e, ao mesmo tempo, tornar a menina corada. Há uma quebra de expectativas em torno do ato de correr. Se pensávamos que a corrida quem deixou a menina corada, nos enganamos. É o reflexo do colar, que é vermelho, que imprime cor à menina.

Já na terceira estrofe, percebemos um distanciamento da menina e um enfoque na cena geral. Assim como menina e colar entram em sintonia, o sol, também em movimento, a despeito do que ocorrera entre Carolina e o colar, imprime seus tons corais advindos de seus raios sob colunas da colina, formando um belo pôr-do-sol. O poema não afirma que o momento é o pôr-do-sol, mas inferimos isso por causa das cores que são próprias do entardecer.

5 Considerações finais

Procuramos aqui apontar algumas aplicações da Estilística Fônica para o estudo da poesia. Como vimos, os poemas de *Ou isto ou aquilo* são canções de recantos que povoam o universo infantil. É um mundo povoado de seres do mundo natural: flores, sol, chuva, luva, cavalinhos, corais, colinas, estrelas..., e outros elementos lúdicos como anéis, luvas, carretéis de lã, flautinhas. Isso se utilizando do lirismo e musicalidade que lhe é peculiar.

Os poemas tratam dos sonhos, fantasias, desejos e aventuras do mundo infantil. As palavras, escolhidas cuidadosamente por Cecília, transmitem associações sensoriais que culminam na construção de imagens a partir de rimas, aliterações, assonâncias, pequenos trocadilhos, combinando versos livres, regulares e métricas diferentes.

A estrutura de *Ou isto ou aquilo* parece ser um desenho feito de régua e compasso, que cria vida a partir do movimento, da ação animada pelo ritmo dos versos. É a dança transmitida em palavras, que a cada nova cadeia sonora embala novos movimentos.

Em suma, a poesia de *Ou isto ou aquilo* é musical³: sua melodia se move por força da intencionalidade e o ritmo está, em boa parte, determinado pela própria natureza da palavra. Portanto, a tessitura do poema e a enunciação poética se fundem para dar vida às dimensões do texto, através da junção do ritmo poético com a melodia da fala.

Referências

³ A cantora portuguesa Lena d'Água canta algumas poesias de "Ou isto ou aquilo". Os poemas foram musicalizados em 1978 por Luís Pedro Fonseca para a encenação de José Caldas e gravadas em 1992. Os vídeos estão disponíveis em: <<http://aguaparacrianças.blogspot.com.br/>>.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. 6. ed. São Paulo: Schwarcz, 2000.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Contribuições à estilística da Língua Portuguesa**. 24. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1997.

CARVALHO, Castelar. A Estilística e o Ensino de Português. *In*: VIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, Série VIII, 12., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno12-02.html>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

DINIZ, Telma Franco. Colar de Carolina: traduzindo um “poema-tetris de Cecília Meireles para o Inglês. **Acta Semiótica et Lingvistica**, v. 18, n. 1, p. 125-135. 2013.

KIKUTI, Sheila da Guia Schneider. Um estudo da obra poética de Cecília Meireles dedicada à infância. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 1, p. 17-28. 2009. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/3/2>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1979.

_____. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

_____, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustrações de Thais Linhares. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

MONTEIRO, José Lemos. **A Estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

NEVES, Margarida de Souza. **Por mares poucas vezes navegados**. Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/meireles/pormares.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

PIRES, Orlando. **Manual de Teoria e Técnica Literária**. Rio de Janeiro: Presença, 1981.